

BIB. ECA
 DEPART
 Campus: Lacerda - MT
 RIN 10254
 Data 16/04/2004

37.018.51
 586m
 82: C 9256 9236

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

PONTES E LACERDA, FEVEREIRO DE 2004

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT/
Campus de Pontes e Lacerda (DL) como
requisito final para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora Professora Ms Teresa de Pazos da
Silva

5586 u

Pontes e Lacerda
2004

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Pontes e Lacerda, fevereiro de 2004.

Dedico

A Deus, pela vida e pela oportunidade de vencer este duelo;

A meus pais, que acreditaram em mim, apoiando-me nas horas precisas;

Ao Valdemir, companheiro e amigo, que compartilha comigo momentos alegres e tristes;

A Wislene e Welizene, frutos de meu amor;

Aos irmãos amigos, que contribuíram para minha formação;

Ao Dr. Ribeiro, companheiro, amigo e grande incentivador;

A Erica, amiga compreensiva e dedicada;

Aos professores amigos, que me ajudaram a alcançar este título.

Aos colegas e amigos de trabalho que viveram este sonho comigo.

Agradeço

A Deus, pela saúde e pelo direito de viver;

Aos familiares, pelo apoio e pelo amor;

Às filhas, pelo amor e pela existência;

Aos pais, por tudo que me ensinaram, pela vida que me deram e pelo amor que a mim dedicaram;

Ao esposo, que possibilitou meu crescimento;

Ao Dr. Ribeiro, pela conquista concretizada;

Aos irmãos, pelo carinho e compreensão;

À professora Cleunice Maria, pela amizade e pelos ensinamentos;

À professora e orientadora Teresa Pazos, que ampliou os horizontes de minha pesquisa;

À professora Mércia, pelo seu carisma e dedicação;

A todos os colegas de curso, que muito contribuíram na construção deste sonho;

A todos os parentes e amigos, que me ajudaram a vencer essa batalha.

Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos o meu giz.

Paulo Freire

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
1 - OS ALUNOS ADULTOS E A ESCOLA.....	10
2 - OS PROFESSORES E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS.....	16
3 - OS ALUNOS E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS.....	36
Anexo nº 1 - Entrevistas com Professores da Rede Pública Estadual de Ensino.....	37
Anexo nº 2 - Entrevistas com Alunos Adultos da Rede Pública Estadual de Ensino.....	40

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar como ocorre a Educação e Alfabetização de adultos na atualidade. Para isto foram feitas leituras de vários autores, pesquisas por meio de entrevistas gravadas e transcritas com três professores da rede pública estadual de ensino, na área de ensino de I a IV, e nove alunos adultos, sendo sete idosos analfabetos e dois mais jovens, cursando a terceira e quarta série.

Nas diversas leituras efetuadas em vários autores, constatamos que há mais de dois séculos este assunto vem sendo estudado e discutido, e ainda nos dias de hoje vêm causando polêmicas, envolvendo governos, professores e grande parte da sociedade. O assunto em pauta tornou-se destaque em vários setores como em rede de televisão, colunas de jornais, Internet, livros, enfim, envolve toda a sociedade organizada.

Conforme afirma Viera Pinto (1997) em pleno século XXI, era da informática e da globalização, 16 milhões de adultos analfabetos esperam por uma solução e acreditam na extinção do analfabetismo.

Nossa curiosidade era saber como professores e alunos vêem a questão da educação de adultos. Para tanto indagamos os mesmos sobre inúmeras questões e, ao final verificamos que os mesmos acreditam que o ingresso na escola assim como a aquisição da leitura e da escrita vão modificar suas vidas para melhor. Acreditam na possibilidade de um emprego melhor, capaz de elevar sua renda familiar e principalmente serem reconhecidos pela sociedade como cidadãos que merecem ser respeitados.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é de suma importância para vários leitores interessados em compreender um pouco mais a questão da escolarização de alunos adultos. Em meu caso particular, desde o sexto semestre, interessei-me desenvolver, em meu ensaio monográfico a questão da Educação e Alfabetização do Adulto, e o que tem levado estes alunos de volta para a escola.

Durante alguns meses propus-me a buscar entre alunos e professores através de entrevistas gravadas e transcritas o que os motivou a regressarem à escola, e qual o ponto de vista de cada um, no que diz respeito ao que mais os preocupa com relação à alfabetização.

Nas minhas fontes de pesquisa baseada em apoio teórico, constatei que há mais de dois séculos, a problemática do analfabetismo vem causando um certo desassossego à sociedade daquela época, bem como no momento atual.

Conforme alguns autores, o analfabetismo vem se alastrando, tornando-se motivo de preocupação para vários segmentos da sociedade, inclusive, autores e estudiosos de outros países, também têm demonstrado essa preocupação. O objetivo de todos é compreender os problemas e buscar soluções que permitam sanar, conforme Viera Pinto (1997), o terrível mal do século, o analfabeto, que é visto pela sociedade como "mancha" na face do país., envergonhando toda uma nação.

O propósito do presente ensaio é colher dados que permitam, após análise, a compreensão da situação de nossos alunos adultos na escola. Para tanto o presente ensaio monográfico está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta informações e considerações feitas por vários autores quanto à importância da leitura e da escrita para o adulto analfabeto. Vimos as idéias destes autores e a preocupação dos mesmos com a questão da educação e alfabetização do adulto que há mais de dois séculos vem sendo discutida por muitos estudiosos e escritores.

No segundo capítulo, apresento os dados coletados das entrevistas gravadas com nove alunos adultos de três escolas de Pontes e Lacerda, onde os mesmos se referem à problemática que enfrentam junto à sociedade e abordam também a questão do analfabetismo. Todos os alunos entrevistados alegaram as mesmas razões pelas quais abandonaram a escola no passado e quase todos têm o mesmo objetivo para retornar a ela.

Já no terceiro e último capítulo, coletei dados de três professores, também através de entrevistas gravadas e transcritas, buscando deles informações sobre o reingresso dos alunos

adultos na escola e sobre a concepção destes professores acerca do papel social da escola na vida destes alunos. Os três professores entrevistados têm quase opiniões semelhantes em relação ao aprendizado do aluno adulto e analfabeto. Apesar das dificuldades algo ficou latente no trabalho realizado: a esperança que os alunos adultos colocam na escola enquanto espaço que pode lhes permitir mais qualidade de vida. Ao final faço considerações quanto aos dados coletados e seu significado no que diz respeito aos alunos adultos e sua relação com a escola.

1 - OS ALUNOS ADULTOS E A ESCOLA

Segundo Vieira Pinto (1997), para discutir o problema da educação e alfabetização do adulto é preciso que se tome um ponto de partida justo e verdadeiro. Para o referido autor essa partida deve ser tomada pela compreensão do analfabeto como ser humano e não partir de um conceito abstrato do analfabetismo. Isso porque os alunos adultos já têm um universo criado.

Para Juvêncio Barbosa (1990), a problemática da alfabetização de adultos vem sendo um tabu para a sociedade por mais ou menos uns 200 anos. De acordo com o referido autor, embasado em dados estatísticos no período entre 1789-1880 a escola dá início e concretiza o modelo da alfabetização, o qual sobrevive até nos dias de hoje.

Conforme Vieira Pinto (p. 92), a concepção de analfabeto está ligada à definição espontânea e vulgar de que o indivíduo analfabeto é aquele que não sabe ler e escrever, mas não contém nenhuma referência que explica sua realidade de iletrado. Por isso a definição concreta parte da existência do analfabeto como ser humano que vive na sociedade num determinado momento histórico.

Ainda de acordo com o referido autor (1997: 91), o analfabeto manifesta sua relação de trabalho com os demais homens e apreende criticamente a necessidade de aprender ler e escrever, mas em sua essência o analfabeto não é aquele que não sabe ler e sim aquele que, por suas condições concretas de existência, não necessita ler. Nessa perspectiva, o trabalhador braçal, por não lhe serem feitas exigências de natureza intelectual não se interessa em alfabetizar-se.

No sentido exposto cabe ao analfabeto a responsabilidade por demonstrar interesse em adquirir conhecimento no mundo da leitura e da escrita. O homem adulto tem consciência de que a leitura e a escrita são dois requisitos importantíssimos para sua construção e execução trabalhista. Dessa forma, tal enfoque significa afirmar que é o trabalho que alfabetiza ou analfabetiza o homem.

Segundo os estudiosos do assunto, há no país uma discriminação pelo analfabeto, o qual é considerado uma enfermidade social como “mancha” da ignorância pela sociedade letrada. Existem grupos junto à nossa sociedade que acreditam que o analfabeto só vale aquilo que produz, a ignorância das massas, é apenas um peso morto, uma carga que impede o desenvolvimento do trabalho superior, de forma que seu trabalho braçal, sua mão-de-obra é muito mais barata. O analfabeto pode ser enganado por sua produção tornando-se assim objeto de fins lucrativos para alguns membros de uma classe social superior.

De acordo com o referido autor Vieira Pinto (1997), estes mesmos grupos citados acima, deixam, de mencionar que na sociedade escravista as massas, por motivos políticos ou até mesmo racistas, não tiveram acesso à alfabetização, no entanto esta mesma massa discriminada pela elite foi palco de grandes e belíssimas obras de cultura as quais foram produzidas por essa classe apagada pelos letrados e que, de uma forma ou de outra, torna-se objeto de grandeza e de observação, em vários museus de nosso país, servindo assim de suporte para enriquecer a nossa cultura na ciência, nas letras e nas artes.

Curioso que o analfabeto é visto como uma vergonha nacional, porém acredita-se num processo espontâneo de sedução, ou seja, no decorrer do tempo acreditam na extinção do analfabetismo de uma grande classe considerada inculta. De acordo com alguns pressupostos, o sujeito da alfabetização é o próprio analfabeto e o próprio sujeito de sua transformação pessoal.

Em meio à sociedade, existem cidadãos alfabetizados que se esquecem de que uma boa parte dos analfabetos são analfabetos por motivos de cultura social, religiosa e até mesmo geográfica e, portanto, são incapazes de fazerem parte de um grupo a caminho da alfabetização. Conforme dissemos anteriormente, o adulto se torna analfabeto conforme as condições materiais em que sua existência lhe permite o mínimo de aprendizagem oral que se identifica com a própria convivência social, bem como acredita na não necessidade de alfabetização. A sua cultura vem contrastando com a necessidade da sobrevivência do sistema básico e social expandindo-se sobre o campo da cultura letrada e oral. Por esse e outros motivos nos países em desenvolvimento ^{DIACRONIA} se faz sentir a iniciativa do poder público de que a sociedade precisa que os atuais analfabetos possuam oportunidades e sejam informados sobre a importância da leitura e que os demais indivíduos iletrados obtenham conhecimentos técnicos e profissionais. Prova disso é o forte movimento dos governos para alfabetizar a população que não sabe ler.

Vieira Pinto enfatiza que a escolha do método de alfabetização (e da educação de adultos em geral), por mais que seja uma questão fundamental, da qual decorre o êxito ou não do esforço social da alfabetização, não é ditada por razões puramente pedagógicas, uma vez que está sujeita a estímulos sociais". (1997: 104)

No que diz respeito ao método de alfabetização de adultos vale ressaltar que todo esforço social de alfabetização, tem um resultado normal, que significa a criação de novos e mais graves problemas educacionais para o futuro ^{DIACRONIA} pois quanto mais educação se dá ao educando mais exigente este se torna para ter mais educação, para efetivar trabalhos mais qualificados, empregando novos conhecimentos que de uma forma ou de outra adquiriu.

Outro autor que também nos fala acerca da alfabetização discutindo seu conceito e suas implicações é Paulo Freire (1979). Este autor, em sua obra alfabetização de adultos e conscientização afirma "que em hipótese alguma a educação pode dispensar o ato de reflexão sobre o homem, e dando destaque às suas condições culturais, afirma que não há educação em isolamento, de forma que o homem é um ser situado e temporalizado."

Conforme o referido autor, quanto mais o não alfabetizado for levado à reflexão sobre o poder político sobre seu espaço, mais "emergirá" dele compromisso com sua realidade, devendo ou não estabelecer uma relação dialética com a sociedade à qual se designa e dá garantias especiais ao homem através de seu engajamento.

Para Freire, a inexistência dessa condição faria perder a batalha do desenvolvimento; podendo inclusive levar o homem ao anonimato da massificação de onde, para sair, necessita refletir mais de uma vez, especialmente sobre a sua própria condição de massificado (1979: 62).

De acordo com o autor, unicamente o homem é capaz de ultrapassar, de distinguir "ser" do "não ser", somente ele possui capacidade de discernir conscientemente sua temporalidade até então, unidimensional, de forma que alcança o ontem, reconhece o hoje descobre o amanhã. (p. 63).

Na história da humanidade, de sua cultura, o tempo e a dimensão do tempo foram um dos primeiros discernimentos do homem. Dessa forma sua integração se prende e lhe dá consciência de sua temporalidade. Se não houvesse integração do homem que se faz crítico, seria apenas um ser acomodado, pois sua história e sua cultura obviamente não teriam sentido.

Na concepção do referido autor, o homem tem pressa e vai dinamizando o seu mundo e cada vez mais vai criando, recriando; decidindo e temporalizando, ou seja, diminuindo seu espaço geográfico. "À medida em que o homem cria, recria e decide, vão se formando as épocas históricas", embora a passagem de uma época para a outra se caracterize por fortes contradições que se aprofundam, dia a dia entre valores emergentes em busca de afirmações, de realizações, e valores do ontem em busca de preservação.

Freire (1979) vem ressaltar o isolamento do povo na fase anterior da sociedade.

"Ao emergir desse isolamento, o povo descruza os braços exigindo participação na sociedade. Vale lembrar que nesta emersão, a educação, ao significar um esforço para chegar ao homem sujeito, enfrentava como ameaça, os setores privilegiados. Para o irracionalismo e algumas religiões, a humanização representava um perigo..."
 "Posto diante do mundo, o homem estabelece uma relação sujeito-objeto da qual nasce o conhecimento que ele expressa por uma linguagem. Esta relação é feita também pelo analfabeto, o homem comum que é visto com descaso pela sociedade letrada. (FREIRE, 1979: 64).

Este, pelo caminho do diálogo compreende o mundo como qualquer outro. No ponto de vista do autor, precisávamos de uma pedagogia da comunicação com a qual pudéssemos vencer o desamor do antidiálogo. (1979: 69)

De certa forma "nos pareceu que a primeira dimensão deste novo conteúdo, com que ajudaríamos o analfabeto, antes de iniciar sua alfabetização, para conseguir a destruição da sua compreensão "mágica" e a construção duma compreensão crítica, seria a do conceito antropológico de cultura, isto é, a distinção entre estes dois mundos: O da natureza e o da cultura, segundo argumentação do autor, "lamentavelmente, por uma série de razões, esta postura — a do antidiálogo — vem sendo a mais comum na América Latina. A Educação mata o poder criado não só do educando mas também do educador na medida em que este se transforma em alguém que impõe ou, na melhor das hipóteses, num doador de 'fórmulas' e "comunicados", recebidos passivamente pelos seus alunos. Não cria aquele que impõe, nem aqueles que recebem; ambos se atrofiam e a educação já não é educação". (p. 69). que é uma dimensão da democratização fundamental, frente à problemática da aprendizagem da escrita e da leitura, seria, pois, como uma chave com a qual o analfabeto inicia sua introdução no mundo da comunicação escrita. Esta primeira situação desperta a curiosidade do analfabeto e o leva a distinguir o mundo da natureza do mundo da cultura (Freire, 1979).

✓ Para o autor, vencendo este primeiro passo, inicia-se o debate sobre a democratização da cultura com a qual se ampliam as perspectivas para o começo da alfabetização, pois o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e escrever. E, portanto, consegue fazê-lo, à medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler.

Na concepção do autor, o analfabeto deve entender o que lê e escrever o que entende. Diz ainda que a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto. (p. 72).

Freire (1963), em sua obra "Educação e Conscientização", referindo-se à questão da democratização da cultura, dentro do quadro geral da democratização fundamental, enfatiza a necessidade de dar atenção especial e de designar orçamentos significativos à educação. Os déficits educacionais constituem um grande obstáculo para o desenvolvimento do País, e sem dúvida, são contraditórios ao forte impulso de sua emancipação. Através das pesquisas concretizadas na área de educação acredita-se que naquele período, na faixa etária de 14 anos acima, atingimos um número de aproximadamente 16 milhões de analfabetos. Porém, à medida em que o processo de democratização se faz, é cada vez mais difícil deixar que as massas permaneçam em seu estado de ignorância. (p 101)

É importante ressaltar que, desde essa época já se pensava na alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de consciência, devido à emersão que fizera no processo de nossa realidade. Segundo o autor, pensava-se numa alfabetização que tivesse no homem, não um paciente do processo, cuja virtude única é ter mesmo paciência para suportar o abismo entre sua experiência existencial e o conteúdo que lhe oferecem para sua aprendizagem, mas que ele fosse o sujeito do processo. Na verdade, somente com muita paciência é possível tolerar, após as durezas de um dia de trabalho ou um dia sem “trabalho”, lições que falam de ASA — “Pedro viu a asa” — A “Asa é da ave” e assim sucessivamente. Para o referido autor, os pensamentos eram voltados para uma alfabetização em que o homem, por não ser seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação. (FREIRE, 1963: 104 - 105)

Enfim, este estado de ignorância, não se circunscreve apenas ao analfabetismo, mas à falta de experiência de participação que deve ser substituída pela participação crítica numa forma de sabedoria, isto é, participação crítica que acredita na hipótese de uma transformação do povo, capaz de ter suas próprias decisões. O referido autor dirigia o pensamento para uma alfabetização direta, inserida na democratização da cultura, e que ao mesmo tempo, fosse uma introdução a esta democratização. Na verdade esta relação, como já ficou claro, “é feita pelo homem, independentemente se é ou não alfabetizado. Basta ser homem para ser capaz de captar, ou saber, ainda que seja este saber meramente opinativo de modo que não haja ignorância absoluta e nem sabedoria absoluta”. (p. 105)

Conforme mencionado anteriormente, o autor compreende que a distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura tem o papel fundamental e ativo de colocar o homem em contato com sua realidade. (p. 108). Enfim, o autor entende,

"a cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez a cultura como resultado de seu trabalho do seu esforço criador e recriador, a cultura como aquisição sistemática de experiência humana. O aprendizado da escrita e da leitura como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem afinal, no mundo e com o mundo, seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto" (1963: 109).

Para o autor, a partir daí, o analfabeto começaria a operação de mudança de suas atividades anteriores. Descobriria que o analfabeto como o letrado, têm o mesmo ímpeto de criação e recriação. Ou seja, o analfabeto descobriria que tanto é cultura o boneco de barro

feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador. Descobriria que cultura é a poesia dos poetas letrados, como também é a poesia de seu cancionero popular. Descobriria também que cultura é toda criação humana (FREIRE, 1963: 109).

Entretanto, a conclusão dos assuntos abordados pelo autor, gira em torno da dimensão da cultura como aquisição que, numa cultura letrada, já não se faz oralmente como nas iletradas. O analfabeto aprende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever preparando-se para ser o agente deste aprendizado.

Segundo o autor, a alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico da técnica de escrever e de ler. Conforme já dissemos, é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende e comunicar-se graficamente. Nesse sentido, é importante que

"o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto, sobre situações concretas oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza. Portanto, a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, isto se dá apenas com a ajuda mútua do educador" (1963: 111).

Freire referindo-se a pesquisas realizadas em vários pontos geográficos do país, revelam que entrevistas realizadas por outros autores, apontam anseios, frustrações, descrenças, esperanças e também o impulso de participação altamente estéticos da linguagem do povo. De acordo com dados destas entrevistas, um homem provavelmente sertanejo analfabeto, diz a um professor da equipe de pesquisas assim: "Quero aprender a ler e a escrever, para deixar de ser sombra dos outros", (FREIRE, 1963: 113). Este mesmo episódio repetiu-se com outro homem paulista e analfabeto que almejava, "aprender a ler e escrever para mudar o mundo". Frases como estas são situações locais que abrem perspectivas, para a análise de problemas nacionais e regionais e creio que é preciso escrever mais um pouco fazendo o fechamento do assunto. E nelas vão se colocando os vocábulos geradores, na gradação já referida, de suas possibilidades fonéticas. Sendo que a dificuldade está na criação de uma nova atitude (p. 114).

2 - OS PROFESSORES E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

A presente pesquisa foi feita com o objetivo de conhecer o posicionamento de professores sobre educação e alfabetização dos adultos, realizada a partir de entrevistas com três professores membros de três escolas da rede pública de ensino fundamental de I a IV.

Ao todo foram feitas 4 perguntas aos professores. A primeira pergunta foi a seguinte: Quando o adulto começa estudar, qual é a maior necessidade dele? Você acredita que esse fato ocorre em função de quê?

No ponto de vista da professora A, a ansiedade é de “aprender ler e escrever. Porque ele tem ansiedade e sente um peso enorme”. Segundo a professora ele se sente cobrado pela sociedade para aprender a ler e a escrever.

Já na ótica da professora B, “a ansiedade do aluno é representada pela vontade e o não poder. Na maioria dos casos o aluno não teve oportunidade de entrar na escola e hoje com a facilidade e a vontade faz com que ele retorne à escola com a perspectiva de aprender a ler e escrever. Principalmente as contas”. Podemos perceber que ele próprio sente a necessidade de aprender a ler e a escrever para resolver problemas pessoais, como por exemplo, fazer compras.

Na opinião da professora C, “a maior ansiedade é o medo de não conseguir aprender com as pessoas mais jovens que os rodeiam. Isto ocorre porque a sociedade cobra muito deles”.

O depoimento dos professores fazendo referência à ansiedade, ao medo e à necessidade de aprender ler e escrever dos referidos alunos nos leva a pensar que talvez seja esta uma das razões de termos tantos adultos analfabetos afastados de nossas escolas. Alguns nunca tiveram nenhum acesso às escolas. Outros, através do medo, deixam transparecer não serem capazes de obterem sucesso nos seus aprendizados. O medo maior talvez seja o da competição. Os adultos analfabetos são, na maioria, cidadãos que fazem parte da classe dos menos favorecidos. Enquanto que cidadãos da classe média ou alta têm acesso à tecnologia os alunos adultos talvez não possuam um lápis ou mesmo um ambiente adequado para exercer seu aprendizado.

Dos três professores, dois acham que a ansiedade é gerada pelo medo da cobrança que a sociedade faz. Para as professoras A e C, os obstáculos estão fora do processo ensino-aprendizagem, fazendo referência ao trabalho, condições físicas, familiares. Já o professor B

coloca na falta de interesse do aluno, ou seja, coloca no próprio aluno a responsabilidade por sua condição de não alfabetizado.

Perguntamos também às professoras se as mesmas encontram algum obstáculo para mediar o conhecimento dos alunos. A professora A, respondeu “Sim. Falta muito, tem muito problema que acarreta no seu dia-a-dia”.

Já na ótica da professora B,

“Não. Eventualmente surge alguma dificuldade no aprendizado dos alunos, mas tudo é possível quando a classe está com vontade de aprender. Hoje, como mediadora do conhecimento, busco o dia-a-dia de cada aluno para interagir o mesmo nos conhecimentos gerais.”

Esta professora afina-se com a proposta de Freire, uma vez que segundo este autor é importante buscar a realidade do aluno.

E no ponto de vista da professora C, afirma que “Sim. Idade avançada, ansiedade, problemas de saúde e familiares, timidez, problemas de vista.”

Para dois dos professores entrevistados, obstáculos deste porte são encontrados quase sempre em adultos idosos. Os professores A e C afirmam que encontram obstáculos diferenciados. Às vezes pela saúde ou por problemas familiares. Enquanto que a professora B, acha que não encontra dificuldade. Porém eventualmente vão surgindo os problemas conforme o interesse pessoal de cada aluno.

Na seqüência da entrevista, foi colocada aos professores a 3ª pergunta: Na sua opinião, qual o papel social da escola para o aluno adulto?

A professora A, respondeu “Na minha opinião a escola recebe todos iguais”. Esta professora parece confundir o papel social da escola com o tratamento dado ao aluno na escola.

Na ótica da professora B,

“a escola busca trazer nos alunos do EJA (Educação para Jovens e Adultos) a vivacidade de se ser, ela tenta resgatar no aprendizado a socialização e a interação entre a vida deles e a da sociedade, levantando a sua auto-estima, dando a eles a oportunidade do aprendizado dentro da comunicação, tendo portanto uma preocupação mais ampla com a formação do aluno.”

Para os professores B e C, o papel social da escola é, “ajudando-os a superar suas dificuldades, obstáculos, bem como prepará-lo para o campo de trabalho inserindo-o na sociedade.” Esta vê finalidades mais práticas para a escola.

Estes professores buscam nos seus alunos a “vivacidade de se ser”, ou seja, buscam o desenvolvimento pleno dos mesmos, dando-lhes oportunidade de se encontrarem dentro da sociedade e compreenderem-se nela, bem como inserindo-os nos meios da comunicação, também para o campo de trabalho. Já a professora A, pelo que vimos anteriormente não entendeu a pergunta.

Finalmente perguntamos aos professores: Por que na sua opinião, o aluno adulto retorna para a escola?

Na visão da professora A, é

“porque o aluno adulto se arrepende e acha que vai ficar afastado da sociedade, porque existe muito preconceito por parte dos alunos, sabendo eles que fica cada vez mais difícil encontrar emprego até para preencher uma ficha tem dificuldade e também é excluído até pela idade conta muito”.

Isto vem ao encontro de Freire quando este autor afirma que em parte é pela necessidade que o aluno retorna à escola.

Na ótica da professora B, “no meu ponto de vista, os alunos retornam à escola, devido a necessidade no mercado de trabalho, e até mesmo como uma forma de garantir um melhor emprego e ficar longe da solidão.” A resposta dessa professora vai no mesmo sentido da anterior.

Já na opinião da professora C,

“Ele retorna à escola por motivo muito justo eles, eles na adolescência eles não têm aquela oportunidade ou não tiveram oportunidade e eles querem retornar a terem essa oportunidade para estudar e querem mais é pra ler e contar, porque às vezes eles querem ver no supermercado ou na loja uma palavra ou o nome de um objeto que eles querem comprar e não sabem ler e acabam trazendo os objetos trocados e eles querem ver essa esse lado aí de ler e a conta eles querem sempre fazer as contas do supermercado, da idade do dia-a-dia e do comércio”.

Considerando o ponto de vista dos três professores entrevistados, presume-se que o adulto analfabeto de uma forma ou de outra, vem se destacando como seres apagados da sociedade e sentindo o peso desta situação. Observa-se que na opinião dos professores A e B, os adultos iletrados, já estão sentindo dificuldade no mercado de trabalho. Acredita também na hipótese de serem excluídos da sociedade por não terem conhecimento da leitura e de não acompanharem a evolução da tecnologia.

Segundo a professora A, a volta destes alunos, de certa forma retrata o arrependimento dos mesmos, ou seja, o medo de serem isolados da sociedade, medo este que condiz com o

medo de serem excluídos por não terem nenhum acesso ao mundo competitivo do mercado de trabalho. Na concepção de um dos professores, estes adultos analfabetos estão trabalhando e lançando todos os seus conhecimentos para interagirem-se no processo da alfabetização e ficarem longe da tão temível solidão.

A maioria dos professores vê finalidades bem práticas no retorno dos alunos à escola. Outro ponto fundamental é que este medo pode também estar relacionado com as exigências dos docentes jovens que de uma forma ou de outra acabam interferindo nos princípios pessoais destes adultos analfabetos e provavelmente idosos. Os valores e princípios são diferentes de uma geração para outra e isto provoca conflitos.

Na maioria, os adultos iletrados são cidadãos (idôneos/idosos) que fazem uso de seus princípios familiares para acomodar-se e isentar-se da sociedade, para não correr o risco de passarem por certos constrangimentos pessoais. Isto faz com que os adultos analfabetos tenham medo e ansiedade de não conseguir atingir o alvo da leitura e da escrita.

Conforme mencionado acima, por “princípios familiares”, entende-se a forma, o ambiente em que estes nossos adultos foram criados. Conforme pesquisas realizadas por vários autores o número maior de adultos analfabetos são naturais de estados e países menos desenvolvidos. São cidadãos supostamente vindos de culturas diferentes, religiões diferentes, vidas diferentes.

Para alguns autores, a educação e alfabetização de adultos são requisitos individuais bem como sociais. Este assunto tem sido e está sendo visto como um dos problemas do governo. Porém esta é uma das razões pelas quais vários estudiosos vêm pesquisando, estudando, levantando questões particulares e sociais interagindo nas divergências dos alunos adultos para que os mesmos não sintam o peso da solidão, da discriminação. Não sintam medo de passarem por constrangimentos de serem menos capazes de absorver as tarefas que lhes serão concedidas através de seus professores que provavelmente serão mais jovens que eles e com idéias diferentes das suas.

Os adultos analfabetos têm sido vistos na sociedade como um ponto de interrogação, ou seja, discriminados perante a classe dos letrados. Isto tem levado vários autores a estudar, pesquisar, procurando meios de agilizar esta questão da alfabetização de adultos.

Por isso é que se torna difícil acordo com determinados adultos analfabetos. Os mesmos de certa forma procuram justificativas pessoais para tornarem-se livres das salas de aulas.

Para alguns autores, os adultos analfabetos são vistos por muitos como um caos para a sociedade e para a elite. Também são considerados uma nódoa nacional, envergonhando a

nação, enfatizam alguns letrados. Às vezes o adulto analfabeto absorve posicionamento obscuro relativo à ótica da classe social. Para eles os analfabetos sentem a necessidade da leitura e da escrita, pois acreditam serem isolados da classe social.

De acordo com as considerações feitas até o presente momento, percebe-se que o adulto iletrado, traz consigo o medo de não acompanhar a evolução do mundo. Sentem o peso das conseqüências da idade não podendo assim caminhar lado a lado com o mundo competitivo.

Os adultos analfabetos sentem-se inseguros em relação à escola. Embora enfrentem dificuldades eles deixam claro o desejo de ter acesso à leitura, de compreender e realizar os cálculos, enfim de facilitar sua vida..

III - OS ALUNOS E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Para a realização deste trabalho entrevistei também nove alunos adultos de turmas de alfabetização de três escolas de Pontes e Lacerda, levantando questões sobre a educação e alfabetização de adultos no intuito de levantar questões sobre sua relação com a escola na expectativa de ampliar o conhecimento quanto às questões sociais, políticas e pedagógicas, que envolvem a alfabetização de adultos sob a ótica dos alunos.

Para a efetivação deste trabalho contei com a valiosa colaboração de três professores componentes das três escolas acima citadas, os quais cederam-me minutos de suas aulas para a realização desta pesquisa gravada pelos mesmos. Pude extrair dos alunos informações que pudessem enriquecer meu trabalho em construção.

Ao contactar com os alunos entrevistados fiquei sensibilizada com o interesse que eles demonstraram em conceder-me as informações de suma importância para este trabalho. Os alunos acima mencionados estão na faixa etária de 25 a 63 anos, todos apresentando uma simplicidade muito grande. Durante a entrevista fiquei informada que 50% dos entrevistados estudaram apenas 6 meses.

As perguntas foram formuladas e estruturadas de forma compatível com o conhecimento dos mesmos, utilizando uma linguagem acessível, ficando os alunos livres para responderem ou não tais perguntas.

A pergunta de número um foi a seguinte: Você já frequentou alguma escola? Há quanto tempo? Por que você saiu da escola?

O aluno A, respondeu, "Sim. Seis meses. (Porque o pai tirou da escola para ajudar na lavoura). O que aprendi foi no mundo. Sou motorista de caminhão". Aquele que estudou só seis meses estudou um tempo bastante reduzido, ele deveria ter estudado mais. Mas por que ele saiu da escola? Ele saiu pra trabalhar, pra ajudar o pai na lavoura, isso significa que ele deveria ter família numerosa e que precisava trabalhar junto com o pai, isso significa também que, provavelmente, a família fosse de baixa renda e não pudesse pagar pessoas pra ajudar na lavoura e aí o filho tinha que substituir o empregado ou complementar a renda familiar.

Nós percebemos aqui uma questão social. A criança precisa deixar a escola para trabalhar, isso ainda é muito comum hoje em dia. Muitos de nossos alunos continuam tendo que abandonar a escola para ajudar no sustento da família. Embora o governo federal tenha destinado recursos financeiros às famílias, estes não são suficientes para manter o aluno na escola.

Ele disse também que aprendeu no mundo, e este é realmente um dos melhores lugares de aprendizagem. É no contato com o mundo que o compreendemos, todos passam por esse processo. Porém é necessário uma compreensão científica do mundo e este é o papel da escola, caso contrário mantemos o que Freire chama de consciência ingênua. (1979, p. 66). O aluno em questão disse que é motorista de caminhão. Nossa grande preocupação é o fato de uma pessoa que frequentou só seis meses de escola e que conseqüentemente deve saber ler muito mal, ser motorista tendo em vista que o mesmo pode colocar vidas em perigo se não saber bem seu ofício. Assim ele deveria ter um conhecimento muito maior pra exercer sua profissão com segurança. Provavelmente este aluno tenha retornado à escola justamente por compreender a importância que a mesma tem na sua vida.

O aluno B disse que “Sim. Dois anos. Meus pais não interferiram. Só agora é que eu quis estudar.” O aluno B alega ser diferente do aluno A Enquanto o aluno A saiu porque o pai precisou dele pra trabalhar, o aluno B saiu porque achou que não seria capaz de aprender, ele achou que não conseguiria assimilar os conhecimentos necessários na escola. Seus pais não interferiram em nada, foi uma decisão do próprio aluno. Mas hoje, assim como o aluno A, ele sente a necessidade de estudar. Isto porque o mundo de hoje requer essa habilidade do aluno.

Para o aluno C, o fator que o impediu de continuar na escola foi a barreira geográfica. Ele morava longe, na fazenda, e lá não tinha escola. Assim como o aluno A, ele tinha que estar na fazenda. O mesmo porque tinha que trabalhar com os pais e esse porque morava lá. Em ambas as situações, os alunos foram obrigados a deixar de estudar. Os alunos D e E disseram que “não”.

O aluno D disse que “Não, é a primeira vez porque não tive oportunidade, que eu trabalhava na roça pra ajudar meu pai porque tudo era longe, não tinha transporte”. Este aluno engloba respostas do aluno A e do aluno C. Ele diz que nunca estudou porque não teve oportunidade porque tinha que ajudar o pai, assim como o aluno A diz ainda que era muito longe e não tinha transporte como o aluno C acabou de mencionar.

Pelo que podemos observar estes alunos deixaram de estudar porque na maioria foram obrigados a isso e não porque quisessem.

O aluno E também disse que “não”. Afirma que faz dois anos que ele está frequentando a escola, e ele não estudou antes porque “o meu pai não deixava estudar por ser tudo distante e eu ajudava na roça”. Novamente temos a necessidade de ajudar a família trabalhando na roça e também a questão da distância. O fato de morar na roça é um fator que atrapalhou a criança a estudar. Vale lembrar que, naquela época não tinha transporte escolar como se tem hoje. Em face disso, o transporte escolar aparece aqui como um fator importante

para trazer os alunos da zona rural para escola para proporcionar a estes alunos possibilidades de estudar.

O aluno F disse que “já, dois anos só. Era no sítio e a professora adoeceu e foi embora e faltou professora e eu também não tinha oportunidade, tinha que ajudar na casa. Meu pai era doente e nós trabalhava ...” Novamente aparece a vida no campo e a necessidade de ajudar as famílias como fator que tirou a criança da escola.

O aluno G disse que freqüentou

“tempos atrás, quando eu tinha doze anos de idade, eu estudava e de vez em quando parava., tornava a começar por falta de oportunidade a gente trabalhava muito e os pais daquela época não eram igual os pais de hoje, achava que a gente não dependia muito do estudo. O trabalho na roça era mais importante”.

Como podemos observar também este aluno deixou de estudar para trabalhar na roça com a família. Novamente vemos emergir a problemática da vida do aluno no campo. Vemos também o fato de o pai não dar importância nos estudos, fazendo com que, o aluno entrasse e saísse várias vezes.

Já o aluno H disse que não.

“É a primeira vez. Desde o começo do ano. Entrei no 1º ano e já estou na 3ª e 4ª série. Eu estudei muito em casa. Eu sou vendedora da Avon. Conforme fui fazendo os testes, as provas, fui passando e exigiram que eu fizesse assim. Comecei na 1ª e já estou na 4ª série. Só fazendo as provas e passei; eu fui aprofundando mais na leitura, aí surgiu esta oportunidade eu falei eu vou aproveitar...”

Ela afirma que morava no sítio e não tinha oportunidade para estudar. Novamente emerge a questão da vida no campo que aparece como um fator que atrapalha a vida escolar de muitos alunos. Ela disse também que o fato de ter se casado acabou interrompendo a vida escolar. Mas ela dá ênfase principalmente à questão da vida no campo, isso porque ela casou e continuou morando no campo.

O aluno I disse que “sim. Já freqüentei dois anos. Desisti porque na época eu era adolescente, meus pais mudaram para fazenda, era muito longe da escola não tinha condição e nem meio de estudar. Não tinha transporte e era doze quilômetros para andar a pé, na mata tinha até onça e meu pai, não deixava”. Novamente a questão do transporte se destaca. Segundo o aluno, eram doze quilômetros para andar a pé, e lá tinha mata, e muito animal feroz por esse motivo o pai também não deixava porque tinha medo dos prováveis perigos.

Como podemos perceber, a maioria dos alunos não estudaram porque viviam no campo, não tinham como se locomover até à cidade e tinham que ajudar a família no trabalho

da roça e automaticamente não podiam estudar. Um fato que aparece extremamente importante no depoimento destes alunos é a ausência do transporte escolar que pudesse trazê-los para a escola. Hoje os alunos têm acesso completo à escola através de transportes. Então, provavelmente, as crianças de hoje não enfrentam os mesmos problemas que esses meninos enfrentaram.

Esta aluna coloca a leitura e a escrita como condição de respeito de auto-estima. Ela entende que uma pessoa analfabeta não é aceita pela sociedade. Não é respeitada. A leitura e a escrita são então espaço de identidade. O lugar de onde a pessoa se vê como respeitada, como o melhor. Ela diz inclusive que está estudando porque gosta pelo prazer de estudar. E ela coloca no estudo como fonte de felicidade, porque ela afirma nunca ser tarde para ser feliz. Estudar para ela é portanto não apenas um lugar que ela encontrou para se sentir realizada. Na maioria das respostas os alunos colocaram finalidades práticas para a leitura e para a escrita, ou seja, eles entenderam que a leitura e a escrita facilitaram a sua vida, o seu dia-a-dia, ajudando-nos a resolver problemas que enfrentam quando não sabem ler como por exemplo fazer cálculos, fazer compras, pagar passagens, viajar, se orientar no trânsito, ler placas, estas são coisas do dia-a-dia e que o analfabeto tem extrema dificuldade em resolver. Mas alguns destes alunos entendem o espaço da leitura e da escrita como espaço de liberdade, espaço de prazer, espaço, transporte. Então, provavelmente, as crianças de hoje, não enfrentam os mesmos problemas que esses meninos enfrentaram.

Outra questão levantada com os alunos foi a seguinte: você acredita que a leitura e escrita podem modificar a sua vida? Como? Dos 9 alunos entrevistados, 8 disseram que podem modificar sim. Apenas 1 aluno respondeu de modo um tanto vago.

O aluno A, “diz sim, depende do emprego, ajuda nas viagens para usar o bom senso.” Isso significa que o mesmo possui dificuldades para viajar, e com a leitura pode amenizar estas dificuldades menos de outras pessoas. Este aluno acredita na possibilidade de melhorar sua condição de vida através da leitura.

O aluno B afirma que a leitura pode ajudar “muito na leitura e na educação”. Sua resposta mostra-se um tanto confusa uma vez que ele afirma acreditar que a leitura pode ajudar na própria leitura. Para este aluno o conceito de leitura ainda é um tanto vago. O aluno C respondeu que

“pode, claro em tudo e principalmente num remédio que você toma, você lê bula do remédio para entender como vai tomar esse remédio, se você não sabe, modifica, começa por aí. Você quer fazer um bolo você olha a receita e não tem como você fazer se você não ler. Então a leitura vai facilitar sua vida no dia-a-dia.”

Este aluno assim como o primeiro vê finalidades práticas para a educação e para a leitura, ele vê que ela pode facilitar seu dia-a-dia, seu cotidiano, pode ler uma bula e evitar de tomar remédios errados. A leitura surge para ele como um modo de viver melhor, de viver mais facilmente.

O aluno D respondeu que “vai porque eu não sei ler e eu quero aprender a ler, vai sim bastante.” Este aluno não sabe ler ainda, não aprendeu e mostra as angústias de não saber, ele quer aprender a ler, provavelmente, para facilitar sua vida e, deste modo viver melhor.

O aluno E disse “sim, porque vai mudar muito a minha vida. Pode mudar porque agora posso ler as placas, posso escrever e não preciso pedir para alguém ler e escrever para mim.” Este aluno vai além das finalidades práticas e coloca questões da condição humana. Pedir a outras pessoas para escrever seus próprios documentos, fazer suas anotações é uma questão que coloca o adulto e principalmente o aluno adulto em situação de humilhação. Ele quer fazer sozinho essas atividades, como por exemplo, caminhar pelas ruas e ser capaz de ler as indicações das placas. Este aluno acredita que a vida poderá ser melhor, que ele poderá ter mais liberdade e autoconfiança se aprender a ler.

O aluno F responde que “até no trabalho mesmo. Você sabe se não tiver estudo fica difícil o trabalho, principalmente na escola que nem eu agora mesmo estou com dificuldade, eu tenho pouca leitura e agora é só concurso. Agora mesmo vai chamar outras pessoas e a gente perde a oportunidade”. Este aluno entende que aprender a ler e escrever é uma possibilidade de viver melhor, de ter condições de acompanhar outras pessoas da escola, mas ela coloca uma importância grande na questão do trabalho. Ela frisa que hoje em dia a maioria dos empregos estão sendo feitos por intermédio de concurso e só pode fazer concurso as pessoas que têm escolaridade, que saibam a “ler e escrever”. Quem não domina estas habilidades perde oportunidades de trabalho e suas chances no mercado de trabalho diminuem. Para este aluno, aprender a ler e escrever é condição de competitividade, pois ela pode, a partir da leitura e da escrita, alçar trabalhos melhores. Vemos aqui uma questão social de subemprego, as pessoas que estudam têm melhores condições de trabalho do que aquelas que não têm acesso às escolas.

Frisamos aqui a importância do papel social da escola como espaço de melhoria de qualidade de vida de aquisição financeira, enfim de melhores condições de vida.

O aluno G responde que “Sim. A leitura tanto na juventude e também a pessoa na idade mais avançada ajuda muita coisa, a pessoa. A leitura, o aprendizado em qualquer tempo não é perdido, é uma riqueza que a gente adquire e fica sabendo por toda vida e traz muita valorização”. Este aluno ao contrário dos demais coloca no conhecimento adquirido através

da escola a grande importância que ela vê para a leitura escrita conhecer, saber é riqueza para ele. É um patrimônio para sua vida que traz valorização, que a faz sentir-se melhor, que a faz mais respeitada diante das outras pessoas e que a faz também respeitar-se a si mesmo.

O aluno H diz sim. “E muito já modificou bastante, porque antecipadamente tinha que pedir alguém para fazer as contas para mim, agora não porque eu mesmo faço, eu mesmo entrego a mercadoria e assim eu não dependo mais.” Vemos nesta resposta que também este aluno como os anteriores, como a maioria dos anteriores, coloca finalidades práticas, coloca a leitura e escrita como condição para resolver problemas da sua vida cotidiana do seu dia-a-dia como por exemplo fazer as compras, resolver problemas práticos do seu trabalho.

Vemos por aqui que a leitura e escrita são condição de liberdade, de independência, porque este aluno afirma que a partir da aquisição da leitura e da escrita ele não depende mais de outras pessoas para resolver os seus problemas para agilizar o seu trabalho

O aluno I afirma que

“Sem dúvida nenhuma. Eu acho que a pessoa ter uma imagem da gente como uma pessoa analfabeta hoje em dia é muito mal vista, não tem um reconhecimento de outras pessoas, é uma pessoa sem cultura [...], pra mim a leitura é tudo na minha vida, agora você vê a idade que estou e continuo a estudar porque acho que adianta você trabalhar direito, você vê não sou criança mais eu estou aqui porque acho que é fundamental. Estou estudando e gosto. Não tive oportunidade na minha juventude, agora nunca é tarde para ser feliz.”

Outra questão levantada com os alunos foi a seguinte: você acredita que a leitura e escrita podem modificar a sua vida? Como? Dos 9 alunos entrevistados, 8 disseram que podem modificar sim. Apenas 1 aluno respondeu que meio termo. O aluno A “diz sim, principalmente para ajudar na compra de passagens e também adquirir bom senso.” Isso significa que o mesmo possui dificuldades para viajar e depender menos de outras pessoas. Este aluno acredita na possibilidade de melhorar sua condição de vida através da leitura.

O aluno B afirma que a “leitura pode ajudar muito na leitura e na educação.” Sua resposta mostra assim um tanto confusa uma vez que ele acredita que a leitura pode ajudar na própria leitura. Para este aluno o conceito de leitura ainda é um tanto vago. O aluno C respondeu que “pode, claro, em tudo e principalmente no remédio que você toma, você lê a bula de remédio para entender como vai tomar esse remédio se você não sabe modificar e começa por aí, você quer fazer um bolo, você olha a receita e não tem como você fazer se você não ler. Então a leitura vai facilitar sua vida no dia-a-dia.” Este aluno assim como o primeiro vê finalidades práticas para a educação e para a leitura, ele vê que a leitura pode

facilitar seu cotidiano, pode ler a bula e evitar de tomar remédios errados. A leitura tem para ele, ou seja, vem para ele como um modo de viver melhor. O aluno D respondeu que “vai porque eu não sei ler e eu quero aprender a ler, vai sim muito.” Este aluno não sabe ainda ler, não aprendeu e mostra as angústias de não saber, ele quer aprender a ler, provavelmente para facilitar sua vida. E deste modo viver melhor. O aluno E disse “Sim, porque vai mudar muito a minha vida. Pode mudar porque agora eu posso ler as placas, posso escrever e não preciso pedir para alguém ler e escrever para mim.” Este aluno vai além das finalidades práticas e coloca questões das condições humanas, pedir a outras pessoas para escrever seus próprios documentos, fazer suas anotações é uma questão que coloca o adulto principalmente o aluno adulto em situação de humilhação. Ele quer fazer sozinho essas atividades, como por exemplo, caminhar pelas ruas e ser capaz de ler as indicações das placas. Este aluno com certeza acredita que a vida poderá ser melhor, que ele poderá ter mais liberdade e autoconfiança se puder ler.

O aluno F responde que

“até no trabalho mesmo. Você sabe que senão tiver estudo fica difícil o trabalho principalmente na escola que nem eu agora, estou com dificuldade, eu tenho pouca leitura e agora é só concurso. Agora mesmo vai chamar outras pessoas e a gente perde a oportunidade”.

Este aluno entende que aprender a ler e escrever é uma possibilidade de viver melhor, de ter condições de estar acompanhando outras pessoas da escola, e coloca uma importância grande na questão do trabalho. Ela frisa que hoje em dia a maioria dos empregos estão sendo feitos via concurso e só pode fazer concurso as pessoas que têm escolaridade, que saibam a “ler e escrever”, estas pessoas se vêem privadas das oportunidades de trabalho. Se vêem tolhidas no mercado de trabalho. Para ela aprender a ler e escrever é condição de competitividade, pois ela pode a partir da leitura e da escrita alçar trabalhos melhores. Vemos aqui uma questão social de emprego e subemprego, as pessoas que estudam tem melhores condições de trabalho do que aquela que não tem acesso às escolas.

Esta aluna coloca a leitura e a escrita como condição de respeito, de auto-estima. Ela entende que uma pessoa analfabeta não é aceita pela sociedade. Não é respeitada. A leitura e a escrita são então espaço de identidade. Lugar onde a pessoa se vê como respeitada como melhor. Ela diz inclusive que está estudando porque gosta, pelo prazer de estudar. E ela coloca o estudo como fonte de felicidade porque ela afirma nunca ser tarde para ser feliz. Estudar para ela, portanto, é um modo que ela encontrou para se sentir realizada. Na maioria

das respostas os alunos colocaram finalidades práticas para a leitura e para a escrita, ou seja, eles entenderam que a leitura e a escrita facilitam a sua vida, o seu dia-a-dia, ajudam-nos a resolver problemas que enfrentam quando não sabem ler como por exemplo fazer cálculos, fazer compras, pagar passagens, viajar, orientar-se no trânsito, ler placas, estas são coisas do dia-a-dia e que o analfabeto tem extremas dificuldades em resolver. Mas alguns destes alunos entendem o espaço da leitura e da escrita como espaço de liberdade, espaço de prazer, espaço de alegria. Eles vêem que a leitura e a escrita podem trazer liberdades para sua vida. Podem torná-los independentes, sem precisar de outras pessoas para viver, para se orientar e resolver coisas mínimas do seu dia-a-dia. Para todos eles a leitura é extremamente importante.

Perguntamos ainda aos alunos se eles tinham alguma dificuldade para aprender o que o professor ensina. E caso afirmativo qual seria essa dificuldade?

O aluno A respondeu que “sim. Porque já sou de idade. Só para escrever”. Este aluno coloca a idade como obstáculo para a aprendizagem. Mas ele disse também que só tem dificuldades para escrever, provavelmente ele saiba ler mas não consiga escrever no papel aquilo que lê.

O aluno B diz que tem “um pouco na leitura e na matemática e também na hora de escrever”. Este aluno embora não diga ter dificuldades aprofundadas ele parece ter dificuldades em todas as áreas, pois a leitura e a matemática engloba as diferentes áreas e impedem seu aprendizado.

O aluno C afirma que sim “Eu tenho dificuldade na matemática...” Essa é uma dificuldade bastante comum não apenas entre alunos adultos que retornaram tardiamente à escola, mas entre todos os alunos. No seu dia-a-dia das escolas podemos observar inúmeros alunos com dificuldades na matemática, alunos jovens que estudaram no tempo certo e que mesmo assim tem a matemática como um “bicho-papão”.

O aluno D diz que “Eu tenho e muito. É tem que conhecer tudo a letra.” Essa aluna, possivelmente, ainda não tenha sido alfabetizada e vê bastante dificuldade em adquirir conhecimentos.

O aluno E, assim como o aluno C, coloca na matemática sua grande dificuldade para aprender na escola. A mesma resposta é dada pelo aluno F, que também coloca a matemática como um empecilho para sua aprendizagem. Mas este aluno não fica restrito à matemática, ele afirma ter “um pouco. Por enquanto agora é mais a matemática e português e interpretação de texto é o que mais perturba”. Este aluno mostra sua dificuldade em matemática, bem como na interpretação de texto e também no português que é inerente à língua portuguesa. Disse que a interpretação de textos é a que mais apresenta maior dificuldade no seu aprendizado.

O aluno G começa sua resposta, colocando na matemática a dificuldade. Mas posteriormente ele diz que tem dificuldades nas demais matérias ele responde que “Algumas vezes a gente tem um pouco de dificuldade no caso a matemática. Nas quatro matérias a gente tem um pouco de dificuldade em tudo de cada um pouco, ou seja, não é apenas a matemática que o impede de aprender, também as demais disciplinas são obstáculos para sua aprendizagem.

O aluno H responde que “não. Depende. Matemática, assim a gente fica meio perdido mais depois a gente vai encaixando de pouco a pouco ela vai explicando e a gente vai pegando de pouquinho. A dificuldade maior é matemática é a que eu mais preciso”. Embora este aluno diga ter dificuldades com a matemática suas dificuldades parecem não ser tão fortes quanto às dificuldades dos demais alunos. Ele, embora tenha essa dificuldade inicial, aos poucos vai superando-a a partir do momento que passa a adquirir mais habilidades na aprendizagem conforme o ensinamento.

O aluno I afirma que “sem dúvida nenhuma por causa da cabeça às vezes hoje eu sei tudo, amanhã já não sei mais nada. Parece que fica uma coisa que apaga o cérebro e amanhã já não sei mais o que estudei. Esqueço tudo matemática”. Esta aluna por se tratar de uma senhora de idade já um tanto avançada, provavelmente, tenha problemas com a memória e não consiga reter por muito tempo as coisas que aprende. Ainda assim se encontra na escola, procura superar as dificuldades e aprender para viver melhor, para facilitar sua vida.

Praticamente todos os alunos afirmaram ter alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina. A maioria deles fixou na matemática como é comum em todas as séries inclusive na atualidade, a grande dificuldade pela aprendizagem. Outros colocaram também a questão da língua materna, colocando-a como empecilho para aprender. Mas todos indistintamente apresentam dificuldades ora maiores ora menores que entravam no seu processo de aprendizagem.

Uma das possibilidades para que estes alunos encontrem tanta dificuldade na aprendizagem pode estar nos métodos não muito adequados a alunos adultos. Nossas escolas não têm equipes preparadas para trabalhar com esses alunos e eles acabam desenvolvendo o que Freire chamou de educação bancária, onde o aluno funciona como um depósito no qual se colocam os conhecimentos devendo este depósito render juros posteriormente que não as provas reafirmando aquilo que professores afirmaram. Os temas trabalhados na escola muitas vezes não têm ligação com a vida cotidiana dos alunos, trabalham-se temas como “vovô viu a uva”, e nossos alunos não estão interessados em assuntos dessa natureza. Eles preferem discutir os seus problemas, as suas dificuldades. Os métodos de ensino tem como a própria

literatura mostra servido como em trajes sérios para a aprendizagem, principalmente, de alunos adultos.

O próprio Paulo Freire, referindo-se ao seu processo de alfabetização, chama a atenção para a importância de se trabalhar no universo cultural, quer da criança, quer do adulto, cada um no seu tempo e com as coisas que são do interesse. O próprio autor afirma que “fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa. À sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro, gravetos o meu giz.”

Vemos por aqui que a criança deve ser trabalhada com palavras do seu mundo. Do mesmo modo o adulto deve ser trabalhado com palavras do seu mundo. O espaço físico é importante, mas não é imprescindível. Paulo Freire um dos maiores nomes da literatura educacional deste país, foi alfabetizado à sombra de uma árvore, e com gravetos, não tinha cadernos, não tinha sala de aula com grandes equipamentos, mas aprender a ler o seu mundo de um modo como poucas vezes vimos. Os métodos, portanto, não são sinônimos de recursos de equipamentos avançados, e sim o modo como abordamos o mundo e o transformarmos como algo significativo para nossos alunos.

Em seguimento ao nosso trabalho, perguntamos ainda aos alunos adultos se eles pretendem continuar os estudos e por quê?

O aluno A respondeu que “sim. Para facilitar mais a vida pela frente. Só assim posso dar mais educação para meus filhos”. Este aluno parece estar preocupado em dar apoio aos filhos na escola, pois estudando ele terá mais condições de ajudá-los, de auxiliá-los na aprendizagem.

Já o aluno B respondeu que “Com certeza. Para mim crescer mais e mais na profissão.” Ao contrário do primeiro, embora ele também diga que quer crescer aprender mais, este aluno está preocupado com o seu trabalho para poder desempenhar melhor sua função.

Do mesmo modo o aluno C diz que é importante continuar os estudos “Para aprender ler correto e escrever quem sabe um bom emprego”. Também este aluno está preocupado com a questão do trabalho.

O aluno D, afirma que “Ah, eu quero continuar até eu aprender lê. Porque dá oportunidade de viajar e educar os filhos”. Do mesmo modo que o aluno A, este aluno tem uma preocupação com a educação dos seus filhos, com o apoio a ser dado a criança na sua escolaridade.

O aluno E disse simplesmente que “Sim, para melhorar mais e mais”. Mas não responde melhor em que, provavelmente, em toda sua vida.

Já o aluno F parece meio em dúvida, parece não ter certeza se quer ou não continuar. Ele responde, “Ah, eu não sei não, se ficar difícil assim pra mim no trabalho que eu estou não sei não, vou pensar até no final do ano o que vai acontecer”. Possivelmente este aluno tem dificuldade em conciliar a vida escolar e o trabalho, aliados ao cansaço e à desmotivação, fazendo-o ter dúvidas se vai continuar ou permanecer na escola.

O aluno G responde que sim.

“Pretendo. Assim enquanto a gente estiver podendo e tiver saúde a gente vai levando a vida, estudando um pouco mais. Apesar que a gente tá numa idade assim mais avançada se a gente tiver jeito de estudar pra arrumar um empreginho melhor a gente não pode perder a esperança de ter um serviço maior, um emprego melhor, um trabalho mais leve, aprender a trabalhar mais de alguma forma, não só de doméstica igual a gente sempre trabalha, tem muitos que trabalham só assim faz parte do serviço mais pesado.”

Este aluno, apesar da idade mais avançada, preocupa-se em continuar aprendendo, pensa que a escola pode ajudar a conseguir trabalhos melhores. Ela trabalha como doméstica e o trabalho doméstico não é fácil. É um trabalho pesado, e após um dia de trabalho pesado ela vai pra escola. Ainda assim ela pretende continuar. Pretende aprender mais e quem sabe um dia conseguir um trabalho melhor.

O aluno H afirma que sim. “Ah eu to com vontade, pelo menos até à 8ª série. Vou estudar, porque não sei porque as contas que eu faço na 4ª série agora eu acho que tá pouca eu tenho que aprender mais, aprofundar mais.” Esta aluna parece ansiosa em continuar seus estudos, aprender cada vez mais. Ampliar seu conhecimento, principalmente na matemática.

Já o aluno I disse que sim.

“E se Deus quiser. O ano que vem eu gosto muito de estudar, eu me divirto, eu acho que vou continuar. Até os outros me perguntam: Dona Aurea, a senhora é de idade, o que a senhora sabe já dá pro seu gasto, mais eu gosto, eu quero, é bom pra mente da gente, é bom pra tudo, eu me divirto aqui no colégio com as minhas amigas, então pra mim é fundamental essas coisas, eu vou continuar.”

Esta senhora de mais de sessenta anos de idade encontra prazer na escola, lá fez boas amizades, aprende coisas e não está preocupada, ao contrário dos demais como conseguir um bom trabalho mesmo porque sua idade já não permite. Mas apesar disso quer continuar estudando, quer continuar em contato com as outras pessoas com suas colegas de escola.

De um modo geral a maioria dos alunos gostariam de continuar estudando. Vêm na escola possibilidades de melhorar sua vida, de conseguir bons trabalhos ou na melhor das hipóteses de saber coisas para melhorar seu dia-a-dia. Preocupados inclusive com a educação dos seus filhos em dar apoio e ajudar seus filhos na escola.

Retomando nosso objeto inicial de estudo que era saber dos alunos como eles vêm à escola, que esperanças eles têm em relação à escola. Constatamos que todos os alunos voltaram para a escola porque sentiram necessidade. Precisavam estudar. Aprender, saber resolver problemas matemáticos, coisas do seu dia-a-dia. A escola é para eles uma possibilidade ampla de viver melhor. De viver mais tranquilamente, de não depender tanto de outras pessoas.

Todos encontram dificuldades, mas nenhum deles vê essa dificuldade como impossibilidade de permanecer na escola. Mesmo aqueles que afirmam não ter certeza se vão retornar à escola, não dizem com certeza que vão deixá-la. Abrindo assim uma possibilidade para continuar nela. Todos, praticamente todos, pretendem continuar seus estudos. Isso porque vêem que a escola tem trazido contribuições a sua vida. Tem os ajudado a viver melhor, quer no trabalho, quer na sua casa, quer na sociedade, no seu ambiente, enfim, em todos os sentidos. Para estes alunos a escola vem como um lugar para que possam encontrar maneiras de viver melhor.

Conforme Viera Pinto (1997), vimos deste modo que o aluno adulto é antes de tudo

“um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência. O adulto analfabeto é um elemento freqüentemente de alta influência na comunidade. Por isso é que se faz tão imperioso e lucrativo instruí-lo.” (p. 100).

Nesta fala, Vieira Pinto chama nossa atenção não apenas para a importância de o adulto se educar, mas também de como nós o estamos educando, e como isso refletirá na vida do aluno adulto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo os autores que deram suporte ao presente trabalho, o adulto analfabeto vem se sentindo excluído da sociedade a aproximadamente dois séculos. Conforme já mencionamos anteriormente, o adulto analfabeto é taxado como "mancha na face do país", transformando-se assim uma vergonha nacional, pagando pelo peso de descaso da sociedade letrada. (PINTO: 1997)

De acordo com os dados obtidos, na opinião dos professores, o aluno adulto analfabeto busca seu aprendizado visando melhoria no trabalho, bem como acreditam na possibilidade de ficarem longe da solidão, interagindo-se na sociedade.

Nesse mesmo sentido os nove alunos entrevistados disseram que também esperam conseguir trabalho mais digno, melhorar suas condições de vida e sentir-se mais respeitados pela sociedade. Apontam também alguns obstáculos que dificultam sua aprendizagem na escola, querem despojar-se da violação que sofrem e acreditam na possibilidade de adquirir melhorias no trabalho, bem como terem acesso aos seus direitos de cidadania e serem reconhecidos como cidadãos ativos.

Para a grande maioria destes alunos a escola aparece como uma chance de elevar a auto-estima, viver com mais liberdade, resolver problemas da vida cotidiana tais como pagar uma conta, fazer cálculos, enfim, viver sem depender dos outros para tudo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Trad. de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção educação e Comunicação) Vol. 1.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que completam*. 27 ed. São Paulo: Cortez, 1992 (Coleção Polêmica do nosso tempo).

PERSONA, Rosa Maria Jorge. *Caderno da alfabetizadora*. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, Cuiabá, 1997.

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

ANEXOS

ENTREVISTAS COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO

PROFESSORA A

- 1) Quando o adulto começa estudar qual é a maior ansiedade dele? Você acredita que esse fato ocorre em função de quê?

R: De aprender ler e escrever. Porque ele tem ansiedade e sente um peso enorme.

- 2) Você encontra algum obstáculo para mediar o conhecimento dos alunos? Caso positivo; cite quais e justifique-os.

R: Sim. Falta muito, tem muito problema que acarreta no seu dia-a-dia.

- 3) Na sua opinião, qual o papel social da escola para o aluno adulto?

R: Na minha opinião a escola recebe todos iguais.

- 4) Por que, na sua opinião, o aluno adulto retorna para a escola?

R: Por que o aluno adulto se arrepende e acha que vai ficar afastado da sociedade, porque existe muito preconceito por parte dos alunos, sabendo eles que fica cada vez mais difícil encontrar emprego, até para preencher uma ficha tem dificuldade, é também excluído pela idade conta muito.

PROFESSORA B

- 1) Quando o adulto começa estudar qual é a maior ansiedade dele? Você acredita que esse fato ocorre em função de quê?

R: A ansiedade do aluno é representada pela vontade e o não poder. Na maioria dos casos o aluno não teve oportunidade de entrar na escola e hoje com a facilidade e a vontade faz com que ele retornam às escolas com a perspectiva de aprender a ler e escrever. Principalmente as contas.

- 2) Você encontra algum obstáculo para mediar o conhecimento dos alunos? Caso positivo cite quais e justifique-os.

R: Não. Eventualmente surge alguma dificuldade no aprendizado dos alunos, mas tudo é possível quando a classe está com vontade de aprender. Hoje como mediadora de conhecimentos busco o dia-a-dia de cada aluno para interagir o mesmo nos conhecimentos gerais.

- 3) Na sua opinião, qual o papel social da escola para o aluno adulto?

R: A escola busca trazer nos alunos do EJA (Educação para Jovens e Adultos) a vivacidade do se ser, ela tenta resgatar no aprendizado a socialização e a interação entre a vida deles e a da sociedade levantando a sua auto-estima e dando a eles a oportunidade do aprendizado dentro da comunicação.

- 4) Por que, na sua opinião, o aluno adulto retorna para a escola?

R: No meu ponto de vista, os alunos retornam à escola, devido à necessidade no mercado de trabalho, e até mesmo como forma de interagir na sociedade. Segundo os meus alunos, é uma forma de garantir um melhor emprego e ficar longe da solidão.

PROFESSORA C

- 1 Quando o adulto começa estudar qual é a maior ansiedade dele? Você acredita que esse fato ocorre em função de quê?

R: A maior ansiedade é medo de não conseguir aprender com as pessoas mais jovens que os rodeiam. Isto ocorre porque a sociedade cobra muito deles.

- 2) Você encontra algum obstáculo para mediar o conhecimento dos alunos? Caso positivo cite quais e justifique-os.

R: Sim. Idade avançada, ansiedade, problemas de saúde e familiar, timidez, problemas de vista.

- 3) Na sua opinião, qual o papel social da escola para o aluno adulto?

R: Ajudando-os a superar suas dificuldades, obstáculos, bem como prepará-lo para o campo de trabalho inserindo-o na sociedade.

- 4) Por que, na sua opinião, o aluno adulto retorna para a escola?

R: Ele retornou à escola por motivo muito justo eles, eles na adolescência eles não têm a aquela oportunidade ou não tiveram oportunidade e eles querem retornar a terem essa oportunidade para estudar e eles querem ver no supermercado ou na loja uma palavra ou o nome de um objeto que eles querem comprar e não sabem ler e acabam trazendo os objetos trocados e eles querem ver esse lado aí a ler e a conta eles querem sempre fazer as contas do supermercado, da idade do dia-a-dia, do comércio do dia-a-dia.

ENTREVISTA COM O ALUNO A

1) Você já frequentou alguma escola? Há quanto tempo? Porque você saiu da escola?

R: Sim. Seis meses. Por que o pai tirou da escola para ajudar na lavoura. O que aprendi foi no mundo. Sou motorista de caminhão.

2) Você acredita que a leitura e a escrita podem modificar a sua vida? Como?

R: Sim. Depende de emprego, ajuda nas viagens para usar o bom senso.

3) Você tem alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina? Qual?

R: Sim. Porque já sou de idade. Só para escrever.

4) Pretende continuar os estudos? Por quê?

Sim. Para facilitar mais a vida pela frente. Só assim posso dar mais educação para meus filhos.(38 anos).

ENTREVISTA COM O ALUNO B

1) Você já frequentou alguma escola? Há quanto tempo? Porque você saiu da escola?

R: Sim. Dois anos. Porque achei que não dava conta de aprender. Meus pais não interferiram. Só agora que eu quis estudar.

2) Você tem alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina? Qual?

R: Um pouco. Na leitura e na matemática e também na hora de escrever.

3) Você acredita que a leitura e a escrita podem modificar a sua vida? Como?

R: Muito. Na leitura e na educação.

4) Pretende continuar os estudos? Por quê?

R: Com certeza. Para mim crescer mais e ajudar na profissão. (25 anos)

ENTREVISTA COM O ALUNO C

1) Você já frequentou alguma escola? Há quanto tempo? Porque você saiu da escola?

R: Sim. Dois anos, porque era difícil para mim, porque eu morava na fazenda.

2) Você acredita que a leitura e a escrita podem modificar a sua vida? Como?

R: Pode. Claro. em tudo e principalmente num remédio que você toma você lê a bula do remédio prá entender como vai tomar se você não sabe, modifica. começa por aí. Você quer fazer um bolo, você olha a receita, não tem como você fazer se não sabe ler. Então a leitura vai facilitar a sua vida dia-a-dia.

3) Você tem alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina? Qual?

R: Eu tenho dificuldade na matemática, a matemática.

4) Pretende continuar os estudos? Por quê?

R: Para aprender ler correto e escrever quem sabe um bom emprego. (37 anos 4^a série)

ENTREVISTA COM O ALUNO D

1) Você já freqüentou alguma escola? Há quanto tempo? Porque você saiu da escola?

R: Não é a primeira vez. Por que não tive oportunidade. Que eu trabalhava na roça pra ajudá meu pai, porque era tudo longe e não tinha transporte.

2) Você acredita que a leitura e a escrita podem modificar a sua vida? Como?

R: Vai porque eu não sei ler e eu quero aprender ler. Vai sim bastante.

3) Você tem alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina? Qual?

R: Eu tenho e muito! E tem que conhecer tudo a letra.

4) Pretende continuar os estudos? Por quê?

R: Ah, eu quero continuar até eu aprender lê. Por que dá oportunidade de viajar e educar os filhos.

ENTREVISTA COM O ALUNO E

1) Você já frequentou alguma escola? Há quanto tempo? Porque você saiu da escola?

R: Não. Está com dois anos que estou frequentando. Não estudei antes porque o meu pai não deixava estudar por ser tudo distante e ajudava na roça.

2) Você acredita que a leitura e a escrita podem modificar a sua vida? Como?

R: Sim. Porque vai mudar muito a minha vida. Pode mudar porque agora posso ler as placas, posso escrever e não preciso pedir para alguém ler e escrever para mim.

3) Você tem alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina? Qual?

R: Sim. Matemática.

4) Pretende continuar os estudos? Por quê?

R: Sim. Para melhorar mais e mais. (39 anos – 3ª série)

ENTREVISTA COM O ALUNO F

1) Você já frequentou alguma escola? Há quanto tempo? Porque você saiu da escola?

R: Já 2 anos só. Era no sítio e a professora adoeceu e foi embora e faltou professora e também não tinha oportunidade, tinha que ajudar na casa. Meu pai era doente nós trabalhava então eu tive que sair da escola. Aí também já entrei na escola com 13 anos e só estudei dois anos. Não já estudei.

2) Você acredita que a leitura e a escrita podem modificar a sua vida? Como?

R: Pode e muito. Em tudo até no atendimento que for atender uma pessoa até no trabalho mesmo, você sabe se não tiver estudo fica difícil o trabalho, principalmente na escola, que nem eu agora mesmo estou com dificuldade eu tenho pouca leitura e agora é só concurso agora mesmo vai chamar outras pessoas e a gente perde a oportunidade.

3) Você tem alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina? Qual?

R: Um pouco. Por enquanto agora é mais a matemática e português e interpretação de texto é o mais que perturba.

4) Pretende continuar os estudos? Por quê?

R: Ah eu não sei não, se ficar difícil assim pra mim no trabalho que eu estou não sei não, vou pensar até no final do ano o que vai acontecer. (47 anos – 3ª série)

ENTREVISTA COM O ALUNO G

1) Você já frequentou alguma escola? Há quanto tempo? Porque você saiu da escola?

R: Frequentei tempo atrás quando eu tinha até os 12 anos de idade. Entrava e de vez em quando parava, tornava começá. Por falta de oportunidade. A gente trabalhava muito, e os pai daquela época, não eram igual os pais de hoje, achava que a gente não dependia de muito estudo. Nós ajudava trabalhava na roça.

2) Você acredita que a leitura e a escrita podem modificar a sua vida? Como?

R: Pode sim. A leitura tanto na juventude e também a pessoa na idade mais avançada ajuda muita coisa a pessoa. O aprendizado em qualquer tempo não é perdido, é uma riqueza que a gente adquire e fica sabendo por toda vida e traz muita valorização.

3) Você tem alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina? Qual?

R: Algumas vez a gente tem um pouco de dificuldade. No caso a matemática, nas quatro matérias a gente tem um pouco de dificuldade em tudo de cada um pouco.

4) Pretende continuar os estudos? Por quê?

R: Pretendo. Assim enquanto a gente estiver podendo e tiver saúde a gente vai levando a vida, estudo um pouco mais. Apesar que a gente tá numa idade assim mais avançada, se a gente tiver jeito de estudar pra arrumar um empreginho melhor a gente não pode perder a esperança ter um serviço maior um emprego melhor um trabalho mais leve aprender a trabalhar mais, de alguma forma, não só de doméstica igual a gente sempre trabalha tem muitos que trabalham só assim faz parte do serviço mais pesado. (47 anos)

ENTREVISTA COM ALUNO H

1) Você já freqüentou alguma escola? Há quanto tempo? Porque você saiu da escola?

R: Não. É a primeira vez. Desde o começo do ano. Entrei no 1º ano e já estou na 3ª e 4ª série. Eu estudei muito em casa. Eu sou vendedora da Avon. Então conforme eu fui fazendo os testes as provas, fui passando e exigiram que eu fizesse assim. Então comecei na 1ª e já estô na 4ª série. Só fazendo as provas eu passei; aí eu fui aprofundando, mas na leitura aí surgiu esta oportunidade eu falei eu vou aproveitá. Por que a gente morava no sítio eu também casei nova e tinha criança pequena não tinha como, não tinha oportunidade.

2) Você acredita que a leitura e a escrita podem modificar a sua vida? Como?

R: E muito já modificou bastante, porque antecipadamente tinha que pedir alguém pra fazer as contas pra mim, agora não porque as conta eu mesmo faço, eu mesmo entrego a mercadoria e assim eu não dependo mais.

3) Você tem alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina? Qual?

R: Não. Depende, matemática assim, a gente fica meio perdidão mais depois a gente vai encaixando de pouco a pouco ela vai explicando e a gente vai pegando de pouquinho. A dificuldade maior é matemática é a que eu mais preciso.

4) Pretende continuar os estudos? Por quê?

R: Eu tô com vontade, pelo menos até a 8ª série. Vou estudar porque não sei por que as contas que eu faço na 4ª série agora eu acho que tá pouca eu tenho que aprender mais aprofundando mais. (48 anos).

ENTREVISTA COM O ALUNO I

1) Você já freqüentou alguma escola? Há quanto tempo? Porque você saiu da escola?

R: Já freqüentei 2 anos. Desisti porque na época eu era adolescente, meus pais mudaram pra fazenda era muito longe da escola não tinha condição, e nem meio de estudá. Não tinha transporte e era 12 quilômetro para andá a pé, na mata tinha até onça por isso que meu pai não deixava.

2) Você acredita que a leitura e a escrita podem modificar a sua vida? Como?

R: Sem dúvida nenhuma. Eu acho a pessoa passa ter uma imagem da gente como uma pessoa analfabeta hoje em dia é muito mal vista, não tem um reconhecimento de outras pessoas, é uma pessoa sem cultura [...] prá mim a leitura é tudo na minha vida, agora você vê a idade que eu estou e continuo a estudar porque acho que adianta você trabalhar o dia inteiro, você vê que não sou criança mais eu estou aqui porque eu acho que é fundamental. Estou estudando e gosto, não tive oportunidade [...] na minha juventude, agora, nunca é tarde para ser feliz.

3) Você tem alguma dificuldade para aprender o que a professora ensina? Qual?

R: Sem dúvida nenhuma por causa da cabeça às vezes hoje eu sei tudo amanhã já não sei mais nada. Parece que fica uma coisa que apaga o cérebro e a manhã já não sei mais o que estudei. Esqueço tudo matemática.

4) Pretende continuar os estudos? Por quê?

R: É, se Deus quiser. O ano que vem eu gosto muito de estudar, eu me divirto, eu acho que vou continuar. Até os outros me perguntam: Dona Aurea, a senhora é uma pessoa que não vai arrumar serviço pela idade da senhora o que a senhora sabe já dá pro seu gasto, mais eu gosto eu quero, é bom pra mente da gente é bom prá tudo eu me divirto aqui no colégio com as minhas amigas então pra mim é fundamental essas coisas eu vou continuá (63 anos – 2º série)

